



UMBANDA: PRÁTICA CULTURAL E RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA, UM PATRIMÔNIO PERMANENTE NAS RELAÇÕES HUMANAS UBERLANDENSES.

Gláucia Domingues Silvério¹

Amanda Lourenço Silva²

Universidade Federal de Uberlândia

gausociais@yahoo.com.br; amandaperc@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa e estudo permeia a reflexão sobre os significados dos rituais umbandistas como prática cultural inserida na sociedade uberlandense. As realizações das oferendas frente ao meio ambiente e os toques dos atabaques na Umbanda. Compreender como os adeptos umbandistas enfrentam o problema da falta de locais para a realização desse ritual devido à degradação do meio ambiente. E a relevância do uso dos atabaques nos momentos de reverência aos seres sagrados.

Devido a vários acontecimentos no que diz respeito à luta pela liberdade religiosa e de culto, como passeatas realizadas pelos adeptos contra atitudes preconceituosas da população civil, bem como, atitudes policiais de repressão, foi se necessário pesquisar e tornar público, junto à comunidade religiosa, a importância dessa cultura umbandista, no que diz respeito às efetivações, relevâncias e realizações dos seus rituais simbólicos.

Para tanto recorreremos àqueles que efetivamente conhecem e vivem essa cultura, os próprios praticantes, os umbandistas. Por meio de conversas, entrevistas e observações de campo, foi possível evidenciar e conhecer os sentidos e funções das oferendas e dos atabaques dentro do contexto religioso

¹ Graduada em Licenciatura e Bacharelado no curso de Ciências Sociais pela UFU, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. Especializando em História e Cultura Africana e Afro-brasileira/UFU. Como pesquisadora, desenvolveu projeto de pesquisa por meio da Lei de Incentivo à Cultura sobre a cultura afro-brasileira de Uberlândia, tendo como resultado dessa pesquisa a publicação do livro “Patrimônio Imaterial: ritos afro-brasileiros em Uberlândia”. Professora de Sociologia do ensino médio da rede pública estadual.

² Graduada em Música (licenciatura)-percussão pela Universidade Federal de Uberlândia. Atua como baterista e percussionista na cidade de Uberlândia e região. Professora de bateria no CEM Cora Pavan Caparrelli de Uberlândia-MG. Autora do texto “Análises acerca dos toques dos atabaques na Umbanda” no livro publicado no livro: “Patrimônio Imaterial: ritos afro-brasileiros em Uberlândia”.



concomitantes ao meio exterior, social e político. Pois essa religião afro-brasileira desde os seus primórdios está relacionada e comunica-se com as transformações sociais, políticas e econômicas brasileiras. Comunicação essa que pode ser compreendida por vários fatores, como os sincretismos entre os deuses africanos, orixás, e os santos católicos realizados pelos africanos em terras brasileiras, fato que permitiu algumas transformações culturais dentro desse campo simbólico e sagrado. Por meio desses contatos, comunicações e reinterpretações dos cultos africanos com cultos católicos e outros surge a Umbanda, prática cultural religiosa sincretizada com as culturas indígenas, européias (kardecismo) e africanas (cultos do candomblé).

Portanto, perante essa história de construção e reelaboração de significados culturais de mulheres e homens oriundos da África para manterem vivas as práticas religiosas é necessário buscar as informações àqueles que vivenciam e possuem nos seus modos de vida essa religião. Para tanto, procuramos usar a teoria de Alessandro Portelli para analisar as entrevistas, com o intuito de evidenciar que os entrevistados são sujeitos e não documentos, eles não apresentam os fatos simplesmente de suas vidas religiosas, mas as vivenciam, as analisam e as interpretam. Segundo o autor:

(...) O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (...) quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados. (...) (PORTELLI, 1996, p.60).

Este trabalho possui o objetivo de por meio do conhecimento, da compreensão do significado cultural, criado pelos sujeitos que praticam e (re)elaboram essa cultura, tentar desconstruir os preconceitos em torno dessa cultura e prática religiosa afro-brasileira, como justificativa este trabalho se trata de um material que torna necessário retomar cotidianamente as discussões sobre a



liberdade de culto e crença garantida por lei (nº 16/2001 de 22 de Junho), bem como a aplicabilidade da lei 10.639/03, que trata do ensino de história da cultura africana e afro-brasileira, tornando possível a reflexão mais aprofundada sobre a intolerância religiosa, esta pesquisa também serve de material de apoio aos professores e estudantes em geral.

2. UMBANDA UMA RELIGIÃO BRASILEIRA E/OU AFRO-BRASILEIRA

O processo de constituição da religião Umbanda dentro da sociedade brasileira é caracterizado por processos históricos, como a vinda dos africanos para o continente americano enquanto mão de obra escrava. Dois grandes grupos africanos, os bantos e os sudaneses, ao serem transportados sob o poderio dos portugueses para o Brasil, não se desligaram de suas culturas, crenças religiosas, culinária, vestimentas, festas, e muito menos de sua capacidade de ação sobre o meio. Nesse aspecto entende-se o africano trazido da África para o Brasil não como um ser dominado sem perspectivas, mas sim um ser político ao se afirmar enquanto sujeito histórico, tendo sua marca presente na própria constituição da sociedade brasileira.

São chamados sudaneses os povos situados nas regiões que hoje vão da Etiópia ao Chadê e do sul do Egito a Uganda, mais ao norte da Tanzânia. Seu subgrupo denominado sudanês central é formado por diversas etnias que abasteceram de escravos o Brasil, sobretudo os povos localizados na região do Golfo da Guiné, povos que no Brasil conhecemos pelos nomes genéricos de nagôs ou iorubas (mas que compreendem vários grupos de língua e cultura ioruba) (...) (PRANDI, 2005, p.01)

Os bantos, habitantes da África Meridional, estão representados por povos que falam entre 700 e duas mil línguas e dialetos aparentados (...). Os bantos trazidos para o Brasil eram falantes de várias dessas línguas, sobressaindo-se, principalmente, os de língua quicongo, falada no Congo, em Cabinda e em Angola (...) (PRANDI, 2005, p.02)

Por mais que os europeus o quisessem fazer, como exemplo o ritual da árvore do esquecimento, na qual os africanos eram obrigados a darem certas quantidades de voltas, dependendo se eram mulheres ou homens, para esquecerem todos os modos de viver que tiveram na África, jamais deixaram de cultivar suas crenças e de praticar suas histórias de origem no novo mundo. Dessa forma os africanos para continuarem vivendo aqui no Brasil reelaboraram e resignificaram seus valores culturais durante e após o período colonial. Os bantos mesmo com



todas as represálias impostas, conciliaram seus conhecimentos e cultos aos valores do novo mundo, no que diz respeito à resignificação e reelaboração de valores culturais religiosos no momento em que entraram em contato com a cultura européia imposta no Brasil.

A história da constituição da religião Umbanda se deu em meio às transformações políticas, econômicas, culturais e sociais da sociedade brasileira, processos pelos quais os africanos tiveram que vivenciar obrigatoriamente, e foram dentro desses processos que eles expressavam às suas maneiras, suas crenças, seus modos de viver, se readaptando em termos de sobrevivências. Por meio das práticas étnicas, posicionamentos políticos, culturais, culinárias, musicais, artísticas, dos conhecimentos, das crenças, dos rituais, das próprias mãos e intelectualidades dos africanos, que foram reelaboradas e resignificadas dentro no novo mundo imposto a eles. Foi por meio dessas reelaborações, e resignificações da cultura africana, e conseqüentemente, no que diz respeito ao aspecto cultural religioso, o surgimento de um sincretismo, ou seja, atribuição de semelhanças entre divindades³ sagradas, os deuses africanos, e os santos católicos, que dá o processo de surgimento da Umbanda, sendo legitimada por volta do século XX, período de 1920 a 1930, portanto, uma religião que não é isolada de outros fatores externos a ela, pois se consta que durante o período do governo de Vargas várias repressões foram praticadas contra os cultos afro-brasileiros, sob alegações de que terreiros umbandistas protegiam atividades comunistas e que as “macumbas” eram práticas subversivas, diante a essas atitudes intolerantes e criminais os umbandistas resistiram e persistiram em suas práticas culturais

³ Divindades são as entidades cultuadas na Umbanda como: os pretos-velhos, os baianos, os ciganos, os caboclos, os cangaceiros, os exus, as pomba giras, os marinheiros, bem como alguns orixás: Omolu, Ogum, Xangô, Oxóssi, Oxala, Iemanjá e Nanã. Cada uma dessas divindades possui seus habitats de representação específicos na natureza, por exemplo, as matas representam as entidades, caboclos, que simbolizam os índios, grandes sábios da natureza, dotados de poderes milagrosos mediados pelas ervas, mas que são marginalizados pelos valores ocidentais. Portanto, essas divindades são também representações de personagens históricos vítimas de preconceitos e as mais valorizadas (BIRMAN, 1983, p. 45). Essa autora afirma que na religião em questão “*O poder vem dos fracos, enquanto a ordem e a moral vem do outro extremo da hierarquia -dos poderosos, dos brancos*”, o que ela denominou de “*inversão simbólica*”, isto é, quanto mais desvalorizados pela sociedade, mais são valorizados pela religião.



religiosas o que (re)afirma suas atitudes políticas como sujeitos sociais capacitados de inteligências.

Como consta em pesquisas arqueológicas, antropológicas, históricas, etnológicas, craniológicas, botânicas, oceanográficas, filológicas, de história natural e de lingüística, ao contrário das ideologias positivistas, os africanos antes da invasão europeia, já possuíam grandes tecnologias e ciências.

Segundo Nascimento (1996, p. 26) o conhecimento médico, por exemplo, foi encontrado entre os Banyoro que praticavam a cirurgia cesariana antes de 1879, e dominavam há séculos atrás o conhecimento sobre a vacinação e a farmacologia. Nos Mali e no Egito havia o conhecimento médico cirúrgico de olhos para remover as cataratas. Sendo que no Egito há 4.600 anos já se realizava cirurgias para extração de tumores cerebrais, bem como, outros conhecimentos como o naval e o náutico também eram de domínio africano.

Entendendo a Umbanda como prática cultural religiosa iniciada pelos africanos por meio de readaptações de valores ao novo contexto social, político e econômico e que tais sujeitos históricos trouxeram seus ricos conhecimentos sobre ciência e tecnologia não há dúvidas de que eles são partes integrantes da sociedade brasileira e não marginalizadas, como querem a maioria da sociedade, e é por meio do conhecimento dessa rica cultura milenar que se constrói a permanência da luta contra (pré) conceito da cultura afro-brasileira.

3. OS ATABAQUES E OFERENDAS NA UMBANDA.

Seguindo a antropologia interpretativista de Clifford Geertz, ou seja, “compreender o entendimento do outro” para então interpretar os códigos próprios de uma cultura, os significados de certos símbolos, sejam eles, objetos ou não, recorreremos à própria interpretação dos sujeitos que praticam o ritual da oferenda para entender as concepções que eles possuem sobre os vários significados delas e quais suas funções dentro do contexto religioso em questão, bem como a relevância dos atabaques e das músicas, cantigas entoadas dentro de uma sessão mediúnica, ou seja, no momento em que os adeptos se preparam para entrar em contato com as divindades.

O Conceito de cultura que eu defendo (Geertz) (...) é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, P.15).

Segundo os adeptos da Umbanda as divindades utilizam as energias dos alimentos e bebidas das oferendas, para atender vários pedidos: obtenção de emprego, saúde, proteção ou mesmo por agradecimento de algo concedido, tratando-se de trocas de energias e de um veículo de comunicação entre os adeptos e as divindades cultuadas. Como evidenciado pelos adeptos:

Na Umbanda a oferenda é feita para vários sentidos pode ser para um agradecimento, para um pedido, para cura de uma doença, para arrumar emprego, para você conseguir um amor, para tudo na Umbanda pode ser feita uma oferenda, tem vários significados (...). (Adepto Leone de Oxóssi).

Bom a oferenda é uma troca de energia que há entre, no caso, nós seres humanos né? E a energia, propriamente do orixá ou mentor ou catiço, espiritual, então, que é essa troca de energia? Quando você vai, por exemplo, oferecer uma vela, ou seja, quando você vai comprar aquela vela, você está comprando ela com o pensamento naquilo que você pretende ou pedido ou agradecimento, ali, já há a energia, ela já começa a existir ali, naquele momento, então, a partir do momento que você junta o material litúrgico, né? Que no caso é a vela ou a oferenda, juntamente com a oração, que é aquela oração que vem do seu coração, com a sua mente, com seu pedido, ali se forma a magia, então, a oferenda nada mais é do que um veículo para possibilitar essa locomoção da energia do ser humano para com o ser espiritual, no caso, o orixá ou catiço, do catiço para o ser humano. Então ela possibilita esse veículo. (Adepto Marcos).

O atabaque de acordo com Frungillo (2003.p.18) é derivado do árabe “atabaq”, sob a influência árabe na África, os africanos adotaram esse nome para seus “tambores”, dentro de um terreiro de Umbanda os atabaques são a base de sustentação, segundo a adepta Mãe Irene: “Porque o atabaque ele é a segurança da casa,... é ele que faz a chamada da espiritualidade”. Em algumas casas há a presença de três atabaques rum, rumpi e lé ou lê, cada um possui uma função diferente geralmente o rum, é o maior que realiza a marcação das cantigas é a base, o rumpi é o médio em tamanho e em termos musicais pode tanto servir de marcação quanto para a alternâncias de ritmos, improvisos, e o último lé promove o som agudo, e serve para realizar a maior parte dos improvisos musicais.

“Cada um tem sua função no toque! A rum é um atabaque de marcação! É a maior! Nela você vai cadenciar o toque. Sempre! Num pode repicar, não pode nada! Porque é o atabaque mais de... é o atabaque que utiliza o grave, né?! A atabaque a rumpi ... vai ser o atabaque que ela.. vai tentar



fazer os dois! Ela vai tocar, ela pode repicar, e ela pode marcar! Ao mesmo tempo! Ela não pode fazer uma coisa só! Ela tem que fazer os dois! Por que... o que que acontece,... a função da rumpi é continuar sempre o toque! Se a rum para... o toque continua na rumpi! Se a lê vai e faz um breque a rumpi ta ali fazendo o toque! Pra não perder o ritmo!”(ogã da casa da Irene).

Estabelecendo um elo de continuidade entre o mundo dos deuses e dos homens. Segundo Leach (1983, p. 181) as crenças religiosas estão vinculadas com a maneira como os adeptos classificam, separam o mundo dos vivos e o dos mortos, as religiões sempre criaram outro mundo “hipotético”, o mundo não material, em contraposição com o mundo da terra, material, sendo este habitado por homens imperfeitos e aquele pelos deuses, estes para os crentes devem sempre estar próximos. Para isto criou-se uma continuidade entre eles, essa continuidade pode ser representada de várias maneiras, desde que permita a mediação entre os deuses e os homens, podem ser vários objetos ou figuras humanas, considerados tabus e sagrados.

As oferendas na Umbanda representam justamente esse veículo de comunicação entre homens e divindades promovendo a troca de fluídos energéticos como foi explicado pelo adepto entrevistado: *(..) então a oferenda nada mais é do que um veículo para possibilitar, essa locomoção da energia do ser humano para com o ser espiritual, no caso o orixá ou o catiço, do catiço para o ser humano. Então ela possibilita esse veículo”. (Adepto Marcos). Bem como os atabaques que segundo os umbandistas é que fazem essa ligação entre o mundo não material e o material: “ Os atabaques possuem a função de buscar a energia, buscar as vibrações, trazer os mentores pra vim trabalha! Né?! Que ele (atabaque) tem esse poder!”.* (Pai Rogério)

Ainda segundo Leach (1983, p. 181) os tabus são as mediações entre aquilo que é irregular em relação àquilo que está em oposição, ou seja, as oferendas e os atabaques estão entre dois mundos em oposição: aquele que possui vida em matéria e outro que não a possui. Portanto, as oferendas, assim como os atabaques podem ser considerados um tabu, e *Tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, perigoso, intocável (...)* (LEACH, 1983, p. 180).



As oferendas são sagradas por que são imantadas de significados religiosos, que as tornam intocáveis no momento de entrega às divindades, pertencem a partir desse instante aos deuses e não mais aos homens terrenos, a elas são atribuídas poderes de comunicação importantes e valiosos para a manutenção da relação entre os dois mundos paralelos dos seres que compõem a religião. Os atabaques são sagrados e esta sacralização se dá no momento em que se faz o ritual de passagem do profano ao sagrado, no qual ele é preparado para a sua utilização nas sessões mediúnicas, neste momento os atabaques são batizados, por meio de ações permeadas de segredos: *“Ele é batizado, ele passa por um ritual, ele tem alguns cruzamentos, que é feito nele,... às vezes batiza ele no nome de algum orixá, certo?! Aí vai também da linhagem do Templo, da casa!”* (Mãe Irene). Nesse instante o atabaque deixa de ser um instrumento de percussão e passa a ser um símbolo sagrado dotado de significados culturais entre divindades e seres humanos.

As oferendas são perigosas, pois para realizá-las é necessário que se tenha além dos materiais ofertados, a crença, um pensamento, uma concepção consciente do que está se fazendo. São exigidos certos cuidados para que a resposta das divindades seja compatível ao que foi solicitado. Segundo os entrevistados é essencial ter (...) *a fé, o coração bom, você tem que saber conciliar as coisas, para que você consiga aquilo que você quer realmente.* Adepto Marcos. Ao contrário dessa atitude uma oferenda pode surtir um efeito contrário, do que é pretendido, do mesmo modo que ela ajuda, pode prejudicar alguém. (...) *igual muitos fazem pro mal, pra desejar mal pra uma pessoa, pra fechar caminhos, pra transmitir uma doença (...)* Adepta Irene. Salientam que além dessas características a fé e a confiança no momento das oferendas também é um fator bastante importante. Aqui também se podem referenciar os atabaques, pois estes são considerados seres sagrados bem como os deuses presentes nas sessões, portanto há uma proteção em relação aos atabaques, a eles são oferecidos velas antes do seu manuseio, com o intuito de protegê-los, contra energias contrárias e a pessoas que não pertençam ao culto, pois aos atabaques são direcionadas pessoas específicas que podem tocá-los, os chamados atabaqueiros:



“Porque quem bate o atabaque é o atabaqueiro”. (Mãe Irene.). Segundo essa adepta o ato de tocar o atabaque é um momento mediúnico e ainda:

“é uma coisa que a gente tem que ressalta pra vocês que na Umbanda não se fala ogã! É atabaqueiro! Porque quem bate o atabaque é o atabaqueiro. Que tem, até nós temos lá a... a macumba,... não é?! E quem toca a macumba é o macumbeiro. Aí com a evolução depois desses anos todos,... que foi surgindo os Candomblés, em Uberlândia, que aí surgiu o ogã, o ogã, o ogã.... e é chique fala ogã. Eu falo que hoje é chique fala. Que o povo de Umbanda raramente fala ogã. Ah! Fala atabaqueiro, fala ogã! Eu falo que é bonito fala ogã! Mais no nosso culto, a Umbanda mesmo pura, a Umbanda legítima, é atabaqueiro!”. (Mãe Irene).

Portanto a esse responsável pelo atabaque, os atabaqueiros ou ogãs cabem a função de: “*toca de corpo e alma, e o guia responde, o guia vem*”!(ogã do terreiro da mãe Irene) caso contrário pode ocasionar um desequilíbrio na sessão.

As oferendas não são aleatórias, existe um complexo de sistematização e classificação sobre o que se oferta a uma divindade. Para cada divindade corresponde um alimento, por exemplo, para os preto-velhos oferta-se a feijoada, alimento que segundo os adeptos foi criado pelos negros escravizados. E assim sucessivamente para todas as divindades na Umbanda, as entidades e os orixás, entendendo as entidades espíritos de pessoas que tiveram vida na terra e que ocupavam espaços de marginalização social, criados pela expansão da elite. E que ao ocuparem o mundo não material, ocupam pelos adeptos umbandistas uma ascensão de valor, é o que BIRMA, 1983, denominou de “*inversão simbólica*”. Perante essa denominação cultural dessa alimentação na terra, os espíritos extraem a energia para realizar os pedidos das oferendas. Portanto, a cada entidade corresponde um alimento ou bebida específica, dependendo da característica terrena anterior ao desencarne. Como se segue: “*É boiadeiro come carne seca, ele bebe quinado que é mistura de vinho geralmente com ervas, a pinga também que mais? O marinho toma cachaça, ele toma uísque, ele come peixe*”. (Adepto Marcos).

Assim também se faz em relação aos atabaques, pois eles são tocados para as divindades específicas e em momentos específicos, o que caracteriza cada toque e seu respectivo sentido. “*Não é um batido só pra todos. Não é? Por exemplo, é se vai cantar um hino de louvor, o toque dele é diferente do toque de*



um orixá.... Se vai canta pra caboclo, o toque é diferente do preto-velho, e assim por diante.” (Mãe Irene)

A respeito dos sentidos dos toques dos atabaques na Umbanda, os adeptos evidenciaram alguns destes que são mais executados nas práticas ritualísticas, com seus respectivos nomes e funções: cabula de umbanda, Moçambique ijexá, toque de guerra, umbandão, toque cadenciado e barravento. Cada um destes toques são destinados a um(a) determinado(a) entidade, tocados ora lentos ora rápidos, ora improvisados ora não, de acordo com o arquétipo de cada entidade. Portanto, os atabaques não são usados aleatoriamente, há uma simetria de sentido e classificação.

Segundo as análises dos adeptos, e suas explicações sobre o conceito de oferendas pode-se dizer que as oferendas são dádivas, pois atendem ao mesmo princípio de “dar, receber e retribuir”, analisado por Marcel Mauss. Os fiéis umbandistas oferecem presentes, como bebidas, alimentos, velas, entre outros, com o intuito de receberem alguma gratificação, tal oferenda realizada com fé e confiança é retribuída pelas divindades, que manipularam e transformaram as energias próprias dos materiais ofertados concedendo o pedido. Mesmo com a aparência de serem espontâneas e aleatórias, as oferendas são obrigatórias dentro do grupo cultural umbandista, pois elas estabelecem o laço social de ligação entre as pessoas e as divindades sobrenaturais dentro do âmbito religioso. Assim como a dádiva mantém as relações sociais entre tribos, clãs, famílias, a ponto de gerar guerras públicas se não forem cumpridas, as oferendas na Umbanda também estabelecem esse laço de ligação entre as pessoas do mundo físico e o mundo sobrenatural. Outra característica das oferendas que se assemelha com a dádiva é o interesse embutido em sua prática, pois na sua realização há o desejo de se conseguir algo em troca.

Os adeptos umbandistas possuem um sistema de classificação entre as divindades cultuadas na Umbanda e a natureza, afirmam que essa religião possui total relação de troca e comunicação com a natureza e que as oferendas devem ser realizadas nela, em locais específicos dependendo para qual divindade será ofertada. Segundo os fiéis cada divindade possui um local correspondente a ela na

natureza. Ao receber uma oferenda, as divindades segundo os adeptos, utilizam além das energias dos materiais entregues, as da própria natureza, do local onde foi realizada.

A umbanda ela é a natureza, a umbanda e o candomblé. A maioria dos cultos afros tem a base na natureza, o orixá que é um ser divino pra gente, que está abaixo de Deus, é lógico, criatura suprema, todo orixá é um ser da natureza, então ele governa um elemento da natureza, então toda energia pura e verdadeira do universo, toda a magia da umbanda está na natureza é a energia que envolve a planta, o animal, a água. O mistério que tem dentro da natureza faz a umbanda, sem ela a gente não vive, então é feito lá (na natureza) porque faz parte da energia que o guia vai pegar pra sua oferenda, pra realizar seu pedido, ele vai misturar com a dele, com a sua, com a natureza, que está no habitat dele que é onde ele trabalha pra poder fazer seu pedido, realizar seu pedido (Adepto Leone de Oxossi)

Assim, com base no que os adeptos analisam, pode-se perceber que a natureza é um fator integrante e fundamental para a prática ritualística das oferendas. Fato que instiga a reflexão e a análise sobre como os adeptos umbandistas concebem, interpretam e vivem a conflituosa relação de se realizar o ritual das oferendas em meio a uma natureza que está em processo de degradação ambiental. De que maneira eles ainda praticam seus rituais de oferendas, prática cultural de anos, sendo que a natureza, o meio ambiente está em processo de degradação ambiental.

4. O PROCESSO DE DINAMIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Durante os diálogos em meio às entrevistas realizadas aos fiéis umbandistas, me foi esclarecido pelos adeptos que, antigamente as pessoas realizavam oferendas depositando todos os materiais na natureza, sejam velas, sejam garrafas de vidro, garrafas de plástico, alguidares, que são as bacias feitas de barro e se fosse utilizado o fósforo, os palitos deveriam também ser colocados no local. Ao explicar tal procedimento um dos fiéis disse que não considera mais relevante o depósito de todo esse material, pois segundo ele, esses elementos não são biodegradáveis, a natureza não suporta mais tanta poluição. Como a seguir:

(...) a umbanda e a natureza sempre andam juntas, não tem como separar uma da outra, se uma acabar, pelo menos se a natureza acabar a umbanda acaba também, não tem como. Mas a umbanda e o candomblé e toda cultura afro depende da natureza pra si, pra se sustentar, né? O que o pessoal não entende é que não vai fazer diferença a garrafa está ali ou o copo está ali ou

o resto do agrado está ali. O que o orixá vai querer receber é a sua vontade, a sua fé e a energia da fruta que você vai levar na sua oferenda, a garrafa de vidro não vai fazer diferença, porque vai destruir a natureza, vai destruir o lugar onde o orixá e o guia mora e num vai ter mais lugar (...). (Adepto Leone de Oxossi).

Segundo os entrevistados o ritual das oferendas, bem como a Umbanda precisa da natureza para continuar existindo, portanto pensar na natureza e nos rituais de oferenda, no sentido de evitar poluição com alguns materiais industrializados de longo processo de decomposição, ou mesmo os que não são degradáveis, como o vidro, é necessário para que o culto religioso da Umbanda se perpetue, já que este depende da natureza para sua sobrevivência. Como afirma a Irene: “Então se nós mesmos que usamos disso (natureza) denegrir, acabar com o meio ambiente e a natureza em si, nós pode fechar os terreiros, né? Uai, vai usar de que?” E o Marcos:

Devido a alguns materiais que ficam lá e que vão comprometer de repente até o tráfico das pessoas ali, e a poluição visual porque você não vai visualizar, elas vai falar assim, mas que religião é essa que suja a cidade, que deixa essas coisas podres aqui? Então eu acho estranho, aquilo não soou bem aos meus olhos, assim, e nem ao meu olfato, então eu achei que tinha que ser diferente, então eu achei que tinha que questionar, então eu questionei os meus mais velhos, comecei a questionar os meus mentores espirituais, e eles falaram, começaram a falar que não necessariamente tinha que ser daquela forma, uma vez foi um mentor falou pra mim o seguinte: se eu mataria oxum, né? Aí eu falei oxum nunca morre? Aí ele... morre sim se a água acabar oxum morre. Aí, eu te pergunto a água do mundo pode acabar de que forma né? Tem várias formas da água acabar. A gente vê que hoje em dia se fala muito da poluição, que as civilizações estão jogando nas águas, que é pra gente fazer reciclagem d'água, pra a gente economizar a água, então se a gente não fizer isso, a gente polui os rios, os rios vão morrer e morre quem junto? Oxum, o orixá morre junto. Porque você não vai ter água pra você cultivar mais, num é? Então aí eu falei realmente, depois eu fui vendo, como se mata ogum, oxum, iemanjá como se mata? Dessa forma. Você poluindo você degradando, você não preservando é uma forma de você eliminar aquilo que é alvo daquela falta de coerência das pessoas. (Adepto Marcos)

Assim, todos os fiéis narraram as possibilidades de algumas transformações nos rituais de oferendas sem influenciar do sentido, no significado e na essência daquilo que realmente será manipulado pelas divindades, entendendo que as energias de outros materiais não são utilizadas pelas entidades e/ou orixás: (...) *Gente... pode colocar (os líquidos, as bebidas, e comidas) numa folha de bananeira, pode colocar diretamente no chão, que deu determinada hora o guia já recebeu que era dele(...)* (Adepta Irene)

(...) com a degradação do que vem acontecendo, o umbandista de antigamente, tinha o pensamento que tinha que ser deixado tudo que era feito, ali (...). Tem muita gente que não aceita, acha que vai interferir no pedido ou que o orixá não vai aceitar, para quê você está levando pra casa aquela garrafa? Mas está crescendo aos poucos acredito que 50% do culto afro já se tocou pra essa ideia e vai acontecer aos poucos, porque nada é de uma hora pra outra, né? “(...) eu posso muito bem jogar a bebida no chão, na terra, para onde ela vai voltar, né? Que ela vai voltar pra onde ela veio, o orixá vai receber do mesmo jeito e vai achar bom, se eu tiver fé o pedido vai ser realizado do mesmo jeito, que não vai ser a garrafa, a energia da garrafa, do vidro, do plástico que vai fazer diferença na minha entrega, ele (o orixá) vai aceitar do mesmo jeito(...). Então com a chegada dessa nova geração desses jovens, de até mesmo de adultos que se tocaram pra essa ideia já estão fazendo a diferença. Então acredito que a metade da população afro já está vendo que:” eu deixar a garrafa ali não vai fazer diferença(...). (Adepto Leone de Oxossi).

Bom, tem gente que acha que ela (oferenda) tem que ser realizada só no local peculiar ao orixá ou aquele mentor (entidade), eu acho que não, e já é sabido que não, porque dentro do próprio barracão, né? Dentro do próprio terreiro, tem terreiros que tem um cômodo específico né? Que seria o peji, onde você pode colocar as oferendas separado do trabalho cotidiano, já tem terreiro, que não tem esse espaço, então as oferendas são feitas no altar, no próprio altar, passado o período que aquela comida ou aquela oferenda tenha ficado exposta, tem gente que descarrega no lugar peculiar ao orixá ou mentor, eu, assim... acho que tem que ter um certo cuidado para com isso. Porque não é qualquer lugar que você vai, você já pensou se todos os terreiros resolverem jogar num lugar só? Aquilo vai poluir, vai dá mau cheiro, eu ali no me..., no ronco⁴ da minha casa, peji, tem algumas coisas que eu jogo no lixo né? Que vai para o lugar específico, agora aquelas coisas, por exemplo, que já não é oferenda, por exemplo um ebó, (...) aquilo você não pode enterrar na sua casa, num lugar próximo, tem que ser realmente descartado, tem que ser levado num lugar aonde as pessoas não vão se envolver com aquele material, entendeu? Então há certo critério de despachar ou entregar essas oferendas. (Adepto Marcos)

Apesar da tentativa de transformação os fiéis narraram que ainda parte da população umbandista, possui alguns receios em mudarem suas práticas, acreditando não ser possível, as divindades aceitarem as oferendas, sem depositar na natureza todos os ingredientes, como o costume tradicional.

(...) uma das falas foi a questão de conscientizar nosso povo, que ao levar as oferendas nas matas ter o cuidado de não levar garrafa, de não deixar garrafa, deixar alguidar, porque isso leva longo tempo pra ser consumido e as garrafa pra você ver, um vidro dentro de uma arvore dura muito e muitos ano, um alguidar pra ser consumido é muito e muitos ano, sendo que nós precisamos tirar a visão daquele umbandista lá traz o tradicionalista, de que tem que ser, que tem que colocar a vela lá, (na natureza), ela pode cair e pegar fogo na natureza, colocar a vela bem rente o tronco da árvore isso vai pega fogo (Adepta Irene)

⁴ Espaço físico sagrado dentro dos terreiros reservados ás imagens das divindades e onde também se oferta presentes, comidas e/ou bebidas.



Não que eles (idosos) não concordam eles questiona, às vezes num é nem concordar, eles questiona devido, por exemplo, deles ter aprendido com os mais velhos que se arria uma obrigação pra exu só na encruzilhada, você entendeu? É a questão do ritual mesmo, né? O ritual prega que é daquele jeito, mas eu não concordo. E você pode fazer da sua forma, (...). Mas as pessoas que geralmente questionam e querem manter é mesmo pra manter o ritual, mais antigo, que é dos antigos que faziam toda a obrigação fazendo nas encruzilhadas. (Adepto Marcos)

Essa dinamização da cultura umbandista em torno do ritual das oferendas, essas percepções da necessidade de se transformar essa prática por parte dos fiéis, ocorre devido a alguns debates que o grupo realiza, seja dentro do próprio espaço sagrado, terreiro de Umbanda, ou casa de Umbanda, seja em congressos realizados por dirigentes desses locais em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia/Secretaria Municipal de Cultura, que ocorrem anualmente. Nesses congressos ocorrem debates sobre as religiões de matriz africanas, com intuito de luta contra preconceitos e luta de resistência. Por meio dessas análises sobre as concepções que os adeptos umbandistas possuem acerca do ritual das oferendas e o meio ambiente, percebe-se que há um processo de transformação desse ritual e que essa religião não está desvinculada do meio exterior a ela.

Devido à percepção do que ocorre no mundo exterior pelos adeptos umbandistas, no caso a problemática da degradação ambiental, houve a necessidade de um processo de reinterpretação e resignificação dos símbolos e rituais sagrados ao longo da história do ritual das oferendas, assim como ocorreu o processo de sua constituição da religião Umbanda. Como a cultura não é estática, mas dinâmica, que passa por processos de transformações essa prática religiosa das oferendas na Umbanda também está se transformando. Trata-se de um processo porque a tradição de antigamente ainda é muito presente para alguns umbandistas, os idosos, como explicado por todos os adeptos entrevistados.

Atribuir concepções diferentes sobre os significados e interpretar de maneira diversa os símbolos sagrados é uma característica inerente a essa religião desde suas origens. Novos significados trabalhados pelos africanos em seus rituais sagrados para que pudessem se adaptar aos novos valores culturais impostos a eles, e o mais importante, sem que eles perdessem suas origens religiosas.



Dessa mesma maneira os umbandistas agem hoje, para não perderem as suas práticas ritualísticas das oferendas diante da problemática ambiental, eles atribuem novas maneiras de enxergá-las e de realizá-las, para dar continuidade aos seus ritos sagrados. Essas maneiras variam desde a percepção de que alguns materiais podem ser ofertados em seus roncós, até a concepção de que os materiais não degradáveis não precisam ser ofertados na natureza, mas somente os elementos que possuem os fluidos energéticos, os quais eles entendem serem realmente utilizados pelas divindades.

Portanto de acordo com as análises dos adeptos foi evidenciado que as práticas das oferendas estão sendo reelaboradas e resignificadas, pois segundo eles os materiais difíceis de decomporem podem ser dispensados no momento da oferenda, o que não ocorria antigamente.

Para eles o fator importante de uma oferenda são os fluidos energéticos dos alimentos e bebidas e não os recipientes não degradáveis como garrafas de vidro, plásticos e outros. Eles analisam que se o importante é o que está dentro dos recipientes para que então depositá-los na natureza. Os adeptos evidenciaram que percebem a problemática ambiental e que discutem sobre esse assunto em congressos realizados anualmente por eles em parceria com os setores públicos, como a Diretoria de Assuntos Afro-raciais (DIAAFRO)/secretaria de cultura e as de planejamento urbano e meio ambiente.

Os entrevistados narraram que existem outras maneiras de se realizar as oferendas sem prejudicar a natureza e conseqüentemente continuarem realizando os seus rituais e perpetuando a existência da religião. As maneiras apontadas por eles é que se podem despejar diretamente na terra as essências que serão usadas pelas divindades, por exemplo, despeja-se o líquido na terra em vez de se colocar a garrafa de vidro na natureza, e deixa dentro do templo sagrado os materiais não degradáveis.

Com as explicações dos adeptos umbandistas sobre a problemática em questão, foi possível entender que as práticas ritualísticas das oferendas estão em processo de transformação, para se preservar a religião Umbanda e conseqüentemente a natureza. E que a Umbanda hoje, assim como na sua própria



constituição, é uma religião que sofre transformações culturais devido às mudanças exteriores a ela, no caso as mudanças climáticas do meio ambiente.

Tal raciocínio se faz presente nas considerações finais sobre a pesquisa dos toques dos atabaques, pois foi evidenciado que estes toques possuem sentidos específicos e diferenciados de acordo com as entidades com as quais estão relacionados e com a história de formação de cada casa pesquisada, fato que promove a dinamização desses toques. Assim como explicado anteriormente, cada entidade dentro do culto umbandista possui características específicas, dependendo de sua posição e modo de vida que tiveram no mundo material, essa característica também influencia nos toques dos atabaques, pois a cada terreiro de Umbanda a liderança é direcionada a uma entidade espiritual que terá suas características atuantes nesses toques. Portanto, na Umbanda há uma intensa presença de diversidades em vários aspectos musicais, ao dizerem “*tocar na linha pai cambinda*” os adeptos evidenciam que a história dessa entidade influenciará nas formas como os toques são percutidos bem como nos seus significados.

Diante de todas essas análises e estudos sobre os significados dos usos dos símbolos sagrados, atabaques e oferendas, dentro da prática cultural umbandista, torna-se necessário a reflexão sobre a relevância dessas ações dentro da sociedade brasileira e uberlandense, bem como a reflexão para o fim do (pré)conceito em torno dessa religião afro-brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Editora Brasiliense/ Coleção Primeiros Passos, 1983.

CABULA, Culto afro brasileiro do Sapê do Nordeste E/S. In: **Revista Território Negro**. Ano 3, n. 4, 2002, p. 7. Disponível em http://www.koinonia.org.br/TN/13_TENEG3-4.pdf. Acesso em: maio 2009.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura”. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989, p. 13-41.

_____. “A Religião como sistema Cultural”. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989, p. 101-142.



LEACH, Edmund Ronal. “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”. In: MATTA, Roberto da (Org). **Antropologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 170-198.

Mauss, Marcel. “Da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes”. In: **Ensaio sobre a Dádiva. Lisboa: Edições 70**, 1988, p. 39-48.

_____. “As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las (polinésia)”. In: **Ensaio sobre a Dádiva. Lisboa: Edições 70**, 1988, p.50-55.

MUKUNA, Kazadi Wa. “Uma redefinição do grupo de ‘Escravos Bantu’”. In: **Contribuição Bantu na música popular brasileira: perspectivas etnomusicológicas**. São Paulo: Editora Terceira Margem. 2000, p. 37-82.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: Revista Tempo. v 1, nº 2, Rio de Janeiro. 1996, p. 59-72.

PRANDI, R. “Música sacra e música popular”. In: **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2005. Disponível em: <http://fflch.usp.br/sociologia/prandi/musicafe.rtf>. Acesso em: março de 2009